

TEXTO: Jorge Branquinho, 30 anos, Eborense

Casualidades

Saí da Taberna e respirei fundo; tinha os olhos semi-cerrados, mas fiscalizadores que baste. O mais lógico seria dizer expectantes que baste, pois àquela hora da madrugada nunca senti, nem sentirei conforto de qualquer espécie, e ainda muito menos quando me vejo só rodeado de gente, sem contradição. Expeli o ar, ainda inflamado, quando o vi dirigir-se a mim sorridente; desviei o olhar e comecei a descer rua abaixo de mãos nos bolsos, tinha sono. Não tinha dado mais de vinte passos quando aquele vulto de cabedal escuro passou por mim sem dizer nada, ao contrário do que eu temia, diga-se de passagem. A Taberna ficava junto à estrada, a entrada leste da cidade não ficava a mais de 500 metros, ou pelo menos o arco que eu via como a entrada da cidade. Apesar disso, só nós íamos a pé. Alguns, poucos, carros iluminam intermitentemente o caminho, desvendando o jovem um pouco mais, os faróis passageiros apenas cobriam a berma da estrada por breves instantes.

Passei pelo arco e entrei na cidade em passos lentos (esclareço que é uma cidade antiga, com ruas estreitas que acabam em becos, ou se entrelaçam em estranhas bifurcações sem qualquer geometria regular que as predefina). Ele acendeu um cigarro enquanto caminhava, e assim fomos, separados por 20 ou 30 metros, quase meia hora. Passámos pelo jardim e começámos a subir até ao Alto da Fonte; quando chegámos, encostei-me a uma árvore, cansado pela subida. Não estava longe de casa. Ele bebia água da fonte, ignorando os vários avisos que o proibiam. Fechei os olhos e pensei na noite que tinha passado, sozinho. Claro que quando começou não imaginava ficar sozinho, mas fiquei, e isso é que contava para mim. Enfim, ele continuava a beber água. Será que não sabia ler? Claro que sabia. Sorri! Uma fonte com 2000 anos. Nessa altura quem bebesse aquela água, poderia prever o Futuro, ou algo ainda mais genial. Hoje a preocupação sobrevém das bactérias. Bom, que se lixe. Sem nada superior para fazer, fui para casa e, contrariamente às previsões, adormeci logo.

Chance Events

I left the Tavern and took a deep breath; my eyes were only half-open, but watchful enough. The most logical thing to do would be to say they were alert enough, for at that early hour I have never felt, nor will I ever feel, any sort of comfort, especially when I find myself alone surrounded by people, with no contradiction. I exhaled, the air still inflamed, when I saw him heading towards me, smiling; I looked away and started walking down the street with my hands in my pockets; I was tired. I had not walked more than twenty paces when that dark leather-clad figure walked past me without saying a word, unlike what I had feared, I should add. The Tavern sat next to the road, the eastern entrance to the city was no more than 500 metres away, or at least the arch which to me was the entrance to the city. In spite of this, we were the only people walking. Some, though few, cars intermittently illuminated the path, shedding a little more light on the young man, the passing headlights covering the side of the road for a fleeting moment.

I walked through the arch and entered the city, moving slowly (I should point out that it is an ancient city, with narrow streets which end in alleyways or criss-cross one another at odd angles, with no regular geometry underlying them). He lit a cigarette while he was walking and so we continued to walk, separated by about 20 or 30 metres, for almost half an hour. We walked past the garden and started to head up towards the Alto da Fonte. When we arrived, I leant against a tree, worn out by the hike. I was not far from home. He was drinking water from the fountain, ignoring the various signs forbidding this. I closed my eyes and thought about the night I had spent, alone. Of course, when it started I never imagined I would be alone, but I was and that was what mattered to me. Anyway, he continued to drink water. Could it be that he did not know how to read? Of course he did. I smiled! A 2000 year-old fountain. Back then, whoever drank that water could predict the Future, or something even more amazing. Today we are worried about the bacteria. Well, what the hell. With nothing better to do, I went home and, against all expectations, I fell asleep immediately.

ILUSTRAÇÃO: Miriam Faria, 34 anos, Eborense

